

A TORRE DE VIDRO

"Nas terras distantes de onde vim, inventei uma forma de tecer a melhor de todas as roupas!" disse o farsante alfaiate. E continuou "Consigno tecer uma roupa que somente os inteligentes conseguem ver!".

(A Roupas Nova do Rei, conto popular)

A internet já foi acusada de tudo. Como um rei desnudo, parece estar frente a todas as críticas e possibilidades. Com todos os novos efeitos e temas, ela tangencia, atua, expõe, é omissa e deixa todos mais perto, ao tempo em que também é utilizada para amplificar as divisões de países. A filmagem de alunos cantando o hino nacional e entoando slogans de campanha; a imensa utilização de “bots” para uma eleição; a presença tão forte de campanhas em massa de desinformação ou as “fake news” na internet; e as difamações em massa da imagem da universidade pública em mensagens de *WhatsApp* fazem parecer, assim, que não existe nada mais antiquado do que a internet, que faz renascer diversos “fantasmas” que julgávamos do passado. Enquanto ocorre um desmonte da produção científica que, ao mesmo tempo exige uma superprodução, a proposta de uma inovação conservadora sugere que os cortes na educação são o único meio possível para a tão exigida melhoria do país. A incerteza do futuro dificulta o desenvolvimento científico e, mesmo em um mundo conectado, a academia aparenta estar fechada em uma torre de marfim ao ser desvalorizada pela sociedade e com ela tão pouco dialogar. Sim, o rei está nu, mas propomos uma visão um pouco distinta, e, como afirmara Caetano Veloso “desperto porque tudo cala frente ao fato de que o rei é mais bonito nu”.

Não é tarefa simples e demanda discussão constante pensar possibilidades para uma época em que a produção e compartilhamento do conhecimento se encontram potencialmente tão amplas quanto dinâmicas. As redes sociais propiciaram múltiplos propagadores de informação: possibilitam reestruturar a cadeia de hierarquias de onde partem as informações por meio de cálculos produzidos por algoritmos. Novas formas de popularidade, de centralidade e de relevância moldam o debate público, o trabalho, a vida íntima e – como nunca ficamos de fora – a academia. O *YouTube*, *Twitter* e *Instagram* viraram o espaço primordial de propagação de conteúdos. Os *youtubers* são fontes de informação preferenciais de 20% dos brasileiros em contraponto a cifra desestimuladora de 6,5% dos professores [1]. Como fazer ciências sociais tendo, em âmbitos institucionais, cortes, e, nos âmbitos privados, deslegitimidade? Como pensar em normas e rigor quando crivos tão bem instaurados à instituição e ao conhecimento “clássico”

¹[1] <https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/advertising-channels/v%C3%ADdeo/creators-connect-o-poder-dos-youtubers/>

estão em disputa tanto quanto à própria “verdade”? Enfim, como ser um cientista social em uma era de reis nus? Parece tarefa de suma importância e urgência fundamental discutir aquilo que está na *web*, aquilo que despe o rei em novas vestes invisíveis. A Revista *Habitus* sempre se propôs a se apresentar – ao lado da produção científica brasileira – como uma revista de acesso aberto, que se coloca em defesa dos acervos livres no Brasil e da publicação do compartilhamento e da informação aberta. O motor das contradições que estamos imersos é também o motor de uma renovação estrutural possível, que possibilita repensar como, o que e para quem falar a respeito das vestes do rei. Despir a academia, ampliar a circulação e promover a inclusão.

É com este crivo que apresentamos o editorial, com a proposta de uma discussão ampla acerca do conhecimento social e científico, das novas tecnologias, sua pluralidade, origem e possibilidades em um mundo hiperconectado. Como, enfim, abordar questões que pareciam ultrapassadas – dentre elas, saudar o golpe de 1964 no dia 31 de março, que teve impacto tão desastroso em nosso prédio, como no país. Parecem ser urgentes novas respostas e caminhos para o que pareciam velhas perguntas. A torre de marfim se transforma em uma torre de vidro, e entender sua nova arquitetura é impreterível. É neste cenário de crise e reflexão que a Revista *Habitus* lança o segundo volume da sua 16^a edição. Em um período de imensa instabilidade para a universidade pública e de pesquisa, a produção desta edição conta com o esforço voluntário de alunas e alunos de graduação e professores parceiros para continuar a desenvolver conhecimento acadêmico e instigar a reflexão sobre a sociedade contemporânea.

Por fim, aproveitamos para nos desculpar pelo atraso para a publicação da edição e admitir nosso compromisso, que avançamos com a publicação deste número, em atualizá-la para alcançar as exigências da produção acadêmica. Em um curso com amplas taxas de evasão, pouco investimento e diminuição de bolsas de pesquisas, a publicação da revista continua por ser considerada importante para os temas caros à sociedade civil e à comunidade científica em geral. A *Habitus* se apresenta como uma ferramenta para pensar a possibilidade de permanecer fazendo ciência em um país em que esta é desvalorizada.

Quanto à edição de 2018.2, apresentamos oito novos artigos, uma resenha e uma entrevista:

Em **A Concepção Sociotécnica: Quatro Perspectivas Francesas Sobre a Articulação Entre Tecnologia e Sociedade**, Teresa Soter Henriques mobiliza, através da revisão bibliográfica, quatro diferentes autores franceses que são entendidos como expoentes na discussão da relação entre tecnologia e sociedade durante os anos 70 e 80. Partindo de uma abordagem conceitual com o intuito de demonstrar as diferentes visões e metodologias, apresenta a contribuição desses intelectuais para a consolidação e expansão dos estudos sobre tecnologia, que reverberam em outras áreas posteriormente.

No artigo **“Arenas Feministas”: tensões no Encontro de Mulheres Estudantes da UNE**, Hyldalice de Andrade discute, a partir de situações sociais observadas no EME, o Encontro de Mulheres Estudantes, organizado pela União Nacional dos Estudantes, os conflitos que cercam o feminismo universitário. A autora apresenta as disputas conceituais que permeiam

o pensamento feminista contemporâneo e as tensões provocadas na prática política do movimento diante das concepções divergentes sobre gênero entre feministas trans-inclusivas e trans-exclusivas, ilustrando-as a partir da observação participativa no EME.

No artigo **Educação Quilombola e Ecologia de Saberes na Ilha do Marajó/Pará – Brasil**, Bruno Domingues busca, a partir de experiências vividas no projeto Ecologia dos Saberes na Ilha do Marajó, refletir sobre a desvalorização dos elementos das comunidades tradicionais da Amazônia no contexto escolar. O autor apresenta a diferença abissal entre norte e sul global como agravada ao pensar na Amazônia e nos povos tradicionais, diante dos quais e a não inclusão dos elementos culturais locais na vida escolar.

No artigo **Exclusão do corpo trans: uma análise do assassinato de Dandara dos Santos**, Maria Clara Ferro propõe-se a discutir a exclusão do corpo e da vivência transgênero no Brasil. Ao analisar o assassinato de Dandara dos Santos, a autora analisa os elementos estruturais da transfobia, e qual o caráter estrutural e legitimado no que seria o extermínio da população transgênero, transexuais e travestis no Brasil.

No artigo **Gerenciando o Desastre: Uma Análise Discursiva nos Releases da Vale e da Samarco**, Lucas Ryuji Kato Simas busca, a partir de uma análise qualitativa mediante aos boletins e outros materiais voltados à imprensa produzidos pelas duas empresas em torno da tragédia de Mariana, juntamente com uma análise da sociologia ambiental, compreender quais as ações que as empresas estavam tomando para o gerenciamento do desastre. Principalmente, qual o impacto do desastre na forma das empresas se comunicarem.

No artigo **Neointegralismo Religioso e a Militância Anti-Escolha na Câmara dos Deputados**, Bruna Quinsan Camargo discute, a partir de uma teoria crítica feminista, as atuações de parlamentares durante a 54^a e 55^a legislaturas da Câmara dos Deputados, em especial de grupos e de parlamentares ditos religiosos em torno da temática do aborto. A autora analisa as legislações, assim como as articulações entre parlamentares, pertencentes ou não a grupos religiosos, para entender qual a dimensão do papel do discurso democrático para a formulação de políticas públicas diretamente ligadas à escolha da mulher.

No primeiro artigo do Congresso de Antropologia, **O Espetacular no Sagrado: um estudo sobre a Festa dos Tabernáculos na Igreja Universal do Reino de Deus**, Taimara Brito analisa a festa realizada por mulheres da Igreja Universal do Reino de Deus, que celebra a proteção divina no episódio bíblico da chegada à “Terra Prometida”. A autora apresenta a festa como ritual e afirmação de uma memória coletiva, que constitui a construção do sentido de identidade individual e de grupo e organiza as experiências sociais das participantes, configurando sua relação com o sagrado.

No segundo artigo do Congresso de Antropologia, **Humor ambulante: a dispositividade performática da venda nos vagões da Supervia**, Igor Perrut analisa a performance de venda de ambulantes no ramal Santa Cruz do sistema de trens na cidade do Rio de Janeiro. O autor busca, diante da discussão e articulação teórica entre humor, crítica e anticrítica, expor o caráter dispositivo e operativo que faz da venda uma manipulação criativa da

forma crítica, junto à criação da situação moral da viagem no trem como um possível lugar do humor e da venda.

Na resenha **Mulheres, Cultura e Política**, é apresentado por Gabriela da Costa Silva como Angela Davis enxerga o papel da mulher racializada na política, principalmente no feminismo, nas questões educacionais e na educação, a partir do entendimento de experiências significativa de mulheres em determinados espaços.

A entrevista desta edição, realizada e traduzida por Francisco W. Kerche e Teresa Soter Henriques, é com o sociólogo Dominique Cardon, professor associado à Universidade de Paris na França. Refletimos, por meio de sua trajetória acadêmica e profissional, sobre a temática do digital na sociologia e suas influências nas esferas da vida cotidiana e política. A partir de seus relatos como diretor do Médialab, laboratório multidisciplinar de estudos de tecnologia na Sciences Po, Cardon apresenta como a análise sociológica dos dados pode ser feita através de ferramentas da sociologia clássica e dar pistas sobre fenômenos como a atuação de movimentos sociais e a representação de si na modernidade. O sociólogo também discute, ao longo da entrevista, o papel da internet e dos algoritmos nas campanhas políticas extremistas no Brasil.

Por fim, o Comitê Editorial da Revista Habitus gostaria de agradecer a todos que contribuíram com a nossa nova edição. Em especial, aos pareceristas, que dedicaram tempo e esforço para garantir a qualidade dos artigos e seu padrão de rigor científico: Adriano Premebida, Bárbara Souza, Daniela Manica, Edemilson Parana, Edmar Lopes, Eduardo Dullo, Flávia Biroli, Heci Candiani, Jorge Scola, Marcelo Daniliauskas, Michelle Cirne, Michelle Maia, Naara de Albuquerque Luna, Paulo Silva, Raquel Giffoni, Ricardo Gonçalves, Valdenízia Peixoto e Wania Mesquita.

Boa leitura! 📖

Comitê Editorial | Revista Habitus – IFCS/UFRJ